

# **A AUTOMEDICAÇÃO DURANTE A PANDEMIA DO COVID-19 E SUAS CONSEQUÊNCIAS**

Thainá Tobelem<sup>1</sup>, Leandro Siqueira Lima<sup>2</sup>, Marcos Vinicius Pinto Ventorin<sup>3</sup>, Anderson Patrick Luchi<sup>3</sup>, Caroline Mercí Calíari de Neves Gomes<sup>3</sup>, Viviane Damas Ribeiro dos Santos<sup>3</sup>, Naeme José de Sá Filho<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Discente do Curso de Farmácia do Centro Universitário Multivix Vitória, Vitória – ES

<sup>2</sup> Docente do Curso de Farmácia do Centro Universitário Multivix Vitória, Vitória – ES

<sup>3</sup> Docente do Curso de Medicina do Centro Universitário Multivix Vitória, Vitória – ES

## **RESUMO**

A automedicação é uma prática de consumir medicamentos por conta própria em todo o mundo, constituindo uma preocupação para saúde pública. Esse uso irracional de medicamentos se tornou mais abrangente desde o início da pandemia do SARS-Cov-2 por ser responsável pela síndrome respiratória aguda grave (SARG), em que com a falta de informação de algo novo, impactou a população do mundo ocasionando aflição, medo, insegurança do novo vírus que obteve elevados índices de mortalidade em todo o mundo, caracterizando-se como uma ameaça global pela OMS. Objetou-se escrever os fatores que corroboram para essa rotina de automedicação no período da pandemia de Coronavírus. Este estudo é baseado em uma pesquisa bibliográfica, onde a construção do estudo sustentou-se na pergunta “Quais os fatores que corroboram para a prática da automedicação em período de pandemia de COVID-19?”. O levantamento bibliográfico foi realizado entre os meses de março e abril de 2022, utilizando as bases de dados Scielo, Journal of Health Review, Pubmed e Lilacs através dos descritores “automedicação”, “covid-19” e “consequências da automedicação”. Após os critérios de inclusão e exclusão, restaram 11 artigos com perfil adequado para a produção desse estudo. O uso irracional de medicamentos tomou frente, por conta dos supostos tratamentos relacionados com a referida doença. Desta forma, conclui-se que a elevada incidência de uso de fármacos sem comprovação científica para tratamento da COVID-19, a necessidade de estratégias para o combate e ações dos profissionais de saúde, com ênfase ao farmacêutico, visto que está intimamente ligado a todas as etapas no desenvolvimento e consumo de medicamentos.

Palavras-chave: Automedicação, COVID-19, Infecções por coronavírus.

## **ABSTRACT**

Self-medication is a practice of consuming medication on its own throughout the world, constituting a public health concern. This irrational use of drugs has become more widespread since the beginning of the SARS-Cov-2 pandemic as it is responsible for severe acute respiratory syndrome (SARG), in which, with the lack of information about something new, it impacted the world's population, causing distress. , fear, insecurity of the new virus that had high mortality rates around the world, characterized as a global threat by the WHO. The objective was to write the factors that corroborate this self-medication routine in the period of the Coronavirus pandemic. This study is based on a bibliographic research, where the construction of the study was based on the question “What are the factors that corroborate the practice of self-medication in the period of a COVID-19 pandemic?”. The bibliographic survey was carried out between March and April 2022, using the Scielo, Journal of Health Review, Pubmed and Lilacs databases using the descriptors "self-medication", "covid-19" and "consequences of self-medication". After the inclusion and exclusion criteria, 11 articles remained with an adequate profile for the production

of this study. The irrational use of drugs took over, due to the supposed treatments related to the aforementioned disease. In this way, it is concluded that the high incidence of use of drugs without scientific evidence for the treatment of COVID-19, the need for strategies to combat and actions of health professionals, with emphasis on the pharmacist, since it is closely linked to all the stages in the development and consumption of medicines.

Keywords: Self-medication, COVID-19, Coronavirus infections

## INTRODUÇÃO

O coronavírus (COVID-19) surgiu em 2019, portador da síndrome respiratória aguda grave 2 (SAR-Cov-2) que é uma infecção do trato respiratório que se espalhou pelos países, provocando altos índices de contaminação e mortalidade com a doença. A doença é caracterizada por uma ameaça global, por se tratar de um vírus que pode acometer crianças, adultos e idosos a sérios riscos à saúde (SANTOS et al., 2021).

A Organização Mundial da Saúde (OMS), caracteriza a COVID -19 uma pandemia após apresentar elevados índice de infectados levando a óbitos, sendo declarada uma emergência na saúde pública. Logo, devido a esse impacto mundial, surgiram novas precauções obrigatórias, juntamente com exigências e medidas protetivas para o bem estar da população (SANTOS et al., 2021).

Diante do avanço do contágio pelo COVID-19, houve aumentos relevantes na utilização de medicamentos. O principal meio de aquisição foi a automedicação causada pela fonte de informação obtida das redes sociais, propagandas e influência de terceiros a fazer o uso sem comprovação científica de quais medicamentos possuem realmente efetividade (SOUZA et al., 2021).

Neste contexto, a busca por medicamentos na pandemia se tornou uma prática comum, tendo uma prevalência de 32,5% a 81,5% no mundo. O uso irracional de medicamentos cresce cada dia mais em busca da prevenção do SAR -Cov-2, havendo aumento no consumo dos medicamentos como: Azitromicina, Ivermectina, Cloroquina, Hidroxicloroquina, Antivirais e Vitaminas C e D com intuito de medida protetiva para contaminação da doença (MALIK et al., 2020).

Esses medicamentos já são existentes no mercado, mas até o presente momento não obtêm dados científicos que comprovem o benefício ao COVID-19, então a OMS relata que o uso abusivo de medicamentos pode acarretar vários problemas à saúde entre elas a interação medicamentosa, reação adversa, toxicidade e mascaramento de doenças. Os fármacos para serem utilizados no tratamento da COVID -19 devem ser comprovados e validados pelas diretrizes das agências reguladoras existentes nos países (MALIK et al., 2020).

Entretanto, tal situação traz diversas consequências sociais e econômicas para a população, uma vez que a automedicação não leva necessariamente a uma melhora da qualidade de vida e da doença, pois a utilização desses fármacos de

forma autônoma pode levar a tratamentos ineficazes e inseguros, como ocorrência de efeitos adversos severos, aumento do potencial de risco de infecção bacteriana, interações medicamentosas devido a polifarmácia e até mesmo toxicidade por superdosagem, o que leva a necessidade da realização de estudos para conscientização quanto a essa ação.

Dessa forma, o objetivo do presente trabalho consiste na avaliação do aumento da incidência de automedicação no Brasil devido a pandemia e suas consequências a saúde humana, por meio da confecção de uma revisão bibliográfica, cujas informações foram baseadas em artigos de acervos eletrônicos da Scielo, Pubmed, Journal of Health Review e Lilacs, utilizando descritores como automedicação, covid- 19 e consequências da automedicação.

## **MATERIAL E MÉTODOS**

O presente trabalho consiste em uma pesquisa bibliográfica e exploratória. A metodologia utilizada para abordar a automedicação em tempos de pandemia foi o método indutivo e qualitativo, onde foi feita a análise dos dados causas e consequências desse ato na vida do indivíduo. Foi utilizada a técnica de fichamento ao longo da realização da pesquisa, com intuito de mantê-la homogênea e organizada. Essa pesquisa foi baseada em artigos dos acervos eletrônicos da Scielo, Journal of Health Review, Pubmed, BMC e Lilacs, utilizando os seguintes descritores: automedicação, covid-19 e consequências da automedicação. O método de análise será o descritivo, cujo objetivo é expor características claras e bem delineadas de determinada população ou fenômeno, no caso do presente estudo, a automedicação ao longo da pandemia. Após a coleta de dados os mesmos serão relatados no presente artigo.

## **DESENVOLVIMENTO**

### **COVID-19**

O dia 30 de janeiro de 2020 mudou a vida da população mundial, com ele veio a declaração provinda da Organização Mundial de Saúde (OMS), de que o COVID-19, doença causada pelo novo coronavírus, constitui Emergência de Saúde Pública de Importância Nacional, o qual consiste no nível mais alto de alerta em sua escala de emergência (OPAS-BRASIL, 2020).

Já em março passam a surgir os decretos estaduais que reconheciam o estado de calamidade pública, o qual o país estava passando, assim se acentuaram as medidas restritivas para prevenção da doença, cidades entraram em lockdown, o sentimento de pânico passa a surgir na população, algo nunca antes vivenciado nessa geração (LIMA et al, 2020).

Tais fatos levaram a saúde mental da população a um colapso, no qual passou-se a observar uma ascensão nos níveis de estresse e desespero por parte da população, que começa a buscar uma “cura milagrosa” (RIBEIRO et al, 2020).

O comportamento social da população passa a ser modificado, medidas como passar álcool de forma constante em mãos, higienizar alimentos, uso contínuo de máscaras, em caso de sintomas leves de resfriado passa-se a evitar hospitais e prioriza-se o auto isolamento e monitoramento dos sintomas; em caso de dificuldade respiratória deve-se dirigir imediatamente as unidades de saúde. Todas essas foram recomendações que começaram a ser bombardeadas diariamente por todos os meios de comunicação (OPAS-BRASIL, 2020).

Juntamente ao impacto decorrido dessas mudanças, ainda haviam notícias do aumento de número de casos na China e na Itália e seu alastramento para o restante do mundo, gerando pânico, medo e morte (ROLIM; OLIVEIRA, 2020).

Rotinas familiares mudaram, o pesar por parentes e amigos que faleceram, a incerteza “de quem será o próximo?”, a dúvida e o medo de ir trabalhar e ser contaminado ou não trabalhar e não ter como sustentar sua família. A população passa a se sentir mais insegura, vulneráveis, sozinhas e as certezas de um amanhã passam a serem atenuadas, cada dia é uma nova batalha contra o Covid-19 e uma batalha em busca da sobrevivência, fazendo com que os indivíduos passassem a buscar soluções por si só ou pela influência da mídia e amigos, levando-os a automedicação.

### **Automedicação durante a pandemia**

Segundo a Organização Mundial de Saúde (2021), a automedicação pode ser definida como uma ação de seleção e administração do fármaco mediante autodiagnóstico ou influência de terceiros; sendo essa disseminada por todo o mundo, inclusive pelos brasileiros, que apresentam uma incidência de automedicação de 77%, tornando-se uma preocupação de saúde pública (CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA, 2020).

Onchonga et al (2020) constataram em seus estudos que a prevalência global da automedicação aumentou de 36,2% antes da pandemia, para 60,4% durante a pandemia. Sendo mais comum em países e regiões, cujo sistema de saúde tendem a ter mais dificuldades quanto aos longos períodos de espera, escassez de médicos, a baixa disponibilidade de estoque de medicamentos de fornecimento público.

Rocha e Miceli (2017), ao longo de sua pesquisa, expuseram que o Brasil é um dos países com maior taxa de aquisição de medicamentos sem prescrição médica no mundo, com uma maior incidência na população idosa, devido ao maior consumo de fármacos.

Assim, pode-se inferir que, ao longo do período pandêmico houve uma intensificação da população para se automedicar, a qual se justificava pela falta de fármacos profiláticos da doença e principalmente o medo, uma vez que esse era emanado constantemente em notícias e reportagens através das informações quanto a mortalidade da COVID-19.

Tal fato pode ser observado em estudos como o de Souza et al (2021), onde 30,1% dos participantes informaram que adotaram medidas profiláticas contra a Covid-19 através da automedicação com Ivermectina (52,8%), Azitromicina

(14,2%), Vitamina C (66,4%) e Vitamina D (10,9%), mesmo que não houvesse comprovações científicas acerca de seus efeitos sob o vírus. Ainda em seu estudo Souza et al (2021), evidenciaram que dentre esses entrevistados 91,2% obtiveram os medicamentos sem prescrição médica por meio de ação mercantil em farmácias comerciais, apontando que esses estabelecimentos se tornam o principal meio para a prática de automedicação.

De forma análoga, o estudo de Sadio et al (2021), expos que 334 de seus entrevistados, equivalente a 34,2% participantes, também apresentavam o comportamento de automedicação de caráter profilático a Covid-19 sem prescrição médica, onde quando arguidos sobre a ilegalidade desse ato, tais indivíduos, em sua maioria, diziam-se cientes, entretanto o acesso facilitado aos medicamentos, era um fator determinante para os mesmos. Quanto aos fármacos de destaque evidenciou-se a Vitamina C (27,6%), a Hidroxicloroquina (2%) e Azitromicina (1,2%).

O uso indiscriminado da Azitromicina evidenciado por tais estudos torna-se um fato de preocupação, uma vez que pode acarretar o aumento do risco de resistência bacteriana, sendo necessária a conscientização quanto a seus perigos.

### **Consequências da automedicação**

A automedicação consiste em uma atitude de consciência individual ou de influência de terceiros, como amigos, familiares e mídia, por meio das célebres frases como “Esse remédio é ótimo”, “Para mim funcionou” ou “Esse é o melhor que tem”, levando os indivíduos a sua adesão, entretanto tais ações proporcionam um potencial risco a saúde humana (OLIVEIRA et al, 2018).

Tal prática não exclusiva do Brasil, sendo praticada em escala mundial, principalmente perante a sintomas de ocorrência comum e de baixa severidade como dor, febre, tosse, sintomas gripais e desconfortos gastrointestinais como azia, dor abdominal, vômito e diarreia (LEI et al, 2018).

Segundo Oliveira et al (2018), os riscos associados a automedicação relacionam-se com a possibilidade de ocorrência de interações medicamentosas, reações adversas, superdosagem levando a toxicidade, mascaramento de sintomas que auxiliam no seu diagnóstico, desenvolvimento de resistência ao microrganismo e a falha medicamentosa, não resultando na cura desse paciente.

Dessa forma, pode-se inferir que a automedicação é um resultado de um autodiagnóstico ou por continuidade de um medicamento uma vez prescrito por um médico, mas que não passou por avaliação periódica de qualidade, eficiência e segurança frente ao tratamento desse paciente (PRUDHVI, 2020).

No âmbito da pandemia, onde a população é assolada pelo medo e desespero por uma cura, torna-se inevitável a busca por tratamentos eficazes contra esse agente etiológico, objetivando, principalmente, a atenuação de sintomas mais graves, complicações clínicas e conseqüentemente a diminuição da taxa de mortalidade, entretanto esse sentimento de aflição resulta na utilização desses medicamentos, cuja a eficácia não é comprovada, de forma irracional, levando a

população a graves consequências a sua saúde e até mesmo a sua morte acidental (SHARMA et al, 2020; WONG, 2020).

Um dos principais exemplos a ser citado é a cloroquina e hidroxicloroquina, cujo consumo aumentou de R\$ 55 milhões em 2019 para R\$ 91,6 milhões em 2020 (PORTAL BRASILEIRO DE DADOS ABERTOS, 2021). Esses medicamentos ao serem utilizados em superdosagem podem levar a efeitos adversos severos como hipotensão, hipocalemia, prolongamento dos segmentos cardíacos QRS, QT, bloqueio arritmias e coma (WONG, 2020).

De forma similar têm-se a ivermectina, o qual apresentou um aumento de vendas ao longo da pandemia de 829%, referente a R\$ 44 milhões em 2019 para 409 milhões em 2020 (SCARAMUZZO, 2021). Assim como a cloroquina e a hidroxicloroquina, a ivermectina traz risco a saúde humana frente a sua superdosagem acarretando sintomas como: desconfortos gastrointestinais, hipersalivação, ataxia, agitação, rabdomiólise, problemas hepáticos, sonolência, fraqueza muscular e até mesmo o coma (WONG, 2020).

É importante ressaltar que os efeitos de superdosagem são independentes da idade do paciente, mas podem se tornar demasiadamente complexos frente a comorbidades (ROGOZEA, 2020).

Dessa forma, fica evidente a necessidade de estudos voltados a automedicação, com intuito de gerar um estado de conscientização do indivíduo perante seus efeitos, além de valorizar o papel do profissional de saúde que apresenta o conhecimento técnico necessário para instituir a terapia medicamentosa de qualidade, eficaz e segura ao tratamento de suas condições clínicas.

Após as buscas em algumas bases de dados, foram selecionados 105 artigos relacionados com o tema do presente estudo. Após as exclusões de materiais duplicados e artigos selecionados para leitura e resumos, 19 artigos foram selecionados para leitura do texto de forma integral. Finalmente, após a leitura, foram selecionados 11 artigos que deram embasamento ao presente estudo. Dos quais destacam-se 3 que serviram de embasamento de forma ampla a esta pesquisa.

Os artigos científicos, incluídos neste estudo, estão descritos no Quadro 1, que mostram: a base de dados, título do artigo, autor (es), metodologia aplicada, ano da publicação, objetivos e síntese dos resultados.

Quadro 1 – Base de dados, título do artigo, autor (es), metodologia aplicada, ano da publicação, objetivos e síntese dos resultados

BASE DE DADOS	OR/AN O	TÍTULO	MÉTODO	OBJETIVOS	RESULTADOS
BMC	SADIO, A.J.; FIFONSI, A.;	Assesment of self-medication practices in the context of the Covid-19	Um estudo transversal foi realizado em Lomé , capital do Togo, de 23 de	Este estudo teve como objetivo estimar	Um total de 955 participantes (71,6% homens) com idade média de 36 anos (IQR 32–43) foram incluídos. Aproximadamente

				a prevalência da	
	KONU, R.Y	outbreak in Togo	abril a 8 de maio de 2020, com uma amostra de participantes de cinco setores: saúde, transporte aéreo, polícia, transporte rodoviário e setores informais. Os participantes foram convidados a fornecer informações sobre suas práticas de automedicação para prevenir o COVID-19 nas 2 semanas anteriores à pesquisa.	automedicação para prevenir COVID-19 e fator associado em Lomé, Togo.	22,1% estavam no setor de transporte aéreo, 20,5% no setor policial e 38,7% no setor de saúde. A prevalência geral de automedicação para prevenir a COVID-19 foi de 34,2% (IC 95%: 31,2–37,3%). Os produtos mais utilizados foram a vitamina C (27,6%) e a medicina tradicional (10,2%). Apenas 2,0% dos participantes relataram usar cloroquina/hidroxicloroquina. Sexo feminino (aOR=1,90; p < 0,001), trabalho no setor saúde (aOR=1,89; p = 0,001), nível médio de escolaridade (aOR= 2,28; p = 0,043) e nível superior (aOR= 5,11; p < 0,001) foram associados à automedicação.
Scielo	Garcia, A. L. F. et al. 2018	Automedicação e adesão ao tratamento medicamentoso: avaliação dos participantes do programa Universidade do Envelhecer	estudo observacional, quantitativo e transversal, com emprego da técnica de entrevista, realizado na UniSer com 215 sujeitos. Foi utilizado um instrumento estruturado que permitiu a coleta de variáveis sociodemográficas e automedicação. Foram utilizados a Escala de Morisky- Green-Levine (MGL), de 1986, e o Brief Medication Questionnaire (BMQ) domínio regime na análise de adesão.	avaliar o uso de medicamentos de forma contínua e por automedicação a adesão ao tratamento entre participantes idosos e não idosos	22,9% dos idosos e 21,7% dos não idosos a praticaram nos últimos sete dias (p=0,848), mesmo que considerem perigosa (p=0,472). Entre estes, 45,8% dos idosos e 55,6% dos não idosos realizaram automedicação irracional dentro do período analisado. Tem-se que 76,4% dos idosos e 64,8% dos não idosos utilizavam medicamentos de uso contínuo (p=0,063). Ao analisar a adesão ao tratamento medicamentoso, 78,8% dos idosos e 76,1% dos não idosos não eram aderentes ao tratamento (p=0,719) segundo a escala MGL; já pelo BMQ domínio Regime 36,7% dos idosos e 41,1% dos não idosos não eram aderentes (p=0,595).
PubMed	ONCHONGA, D. et al. 2020	Assessing the prevalence of self-medication among healthcare workers before and during the 2019	Amostragem estratificada foi utilizada para selecionar 379 respondentes do estudo. Os autores desenvolveram um questionário online, pré-testado	O estudo teve como objetivo avaliar a prevalência da automedicação antes e	A prevalência geral de automedicação aumentou de 36,2% (n = 137) antes da pandemia para 60,4% (n = 229) durante a pandemia. O sexo dos entrevistados, nível de educação, idade, estado civil, participação em atividade física e eventos de reação

		SAR CoV-2 (COVID-19)		durante o surto da pandemia de COVID-19 entre os	medicamentos
		19) pandemic in Kenya	<p>foi submetido a vários grupos profissionais online de diferentes quadros de profissionais de saúde. Os dados coletados foram analisados por meio de estatística descritiva e inferencial. Os dados foram apresentados em tabelas, gráficos, porcentagens e tabulação cruzada com diferentes variáveis. A regressão logística multivariada foi utilizada para verificar os fatores que influenciam o desejo do indivíduo de se automedicar e as associações foram consideradas significativas em <math>p &lt; 0,05</math></p>	<p>profissionais de saúde e seus fatores associados.</p>	<p>foram significativamente associados à automedicação antes e durante o surto (<math>P &lt; 0,05</math>). Análises de regressão logística multivariada mostraram que participantes praticantes de atividades físicas, trabalhando durante o dia e sendo saudáveis apresentaram menor probabilidade de se automedicar (<math>p &lt; 0,01</math>).</p>

Fonte: Autoria própria.

Em Wuhan na China, surgiram os primeiros relatos de uma pneumonia grave em meados de 2019, não caracterizando causa definida. Após estudos foi detectado um vírus que chamado de coronavírus. O coronavírus trata-se de um vírus infeccioso do trato respiratório, causador da síndrome respiratória aguda grave (SRAG), denominada SARS-Cov (SILVA; ARAÚJO, 2020).

Em 2002 surgiu uma contaminação de morcego para pangolim, conseqüentemente, contaminaram humanos, fundamentando como SARS-Cov, que se espalhou pelos alguns países como a Ásia, entretanto, a disseminação foi controlada em meados de 2003 (SILVA; ARAÚJO, 2020). O surgimento do novo coronavírus marcou uma verdadeira corrida contra o tempo, afim de compreender seu mecanismo de patogenia, juntamente com a virulência que pode possibilitar mutações do vírus, por consequência apresentar uma transmissão mais perigosa. O surgimento genérico sugere que SAR-Cov-2 indique um beta coronavírus intimamente ligado ao genoma do primeiro vírus SARS (SILVA; ARAÚJO, 2020).

A COVID-19 é transmitida pelo fácil contato com outros indivíduos, por gotículas

de saliva de pessoas infectadas, seja ela assintomática ou não, sobretudo a existência de incubação de 5 a 6 dias. Para o estado de infecção clínica clássica é reconhecida pela febre alta, fadiga, tosse seca ou produtiva, mialgia, astenia, dispneia, problemas gastrointestinais e possíveis surgimentos de sintomas como ageusia e anostomia. Sendo um cenário de emergência para a saúde do mundo, por ocasionar um colapso na saúde pública dos países inclusive o Brasil, onde obtiveram 100% dos leitos hospitalares ocupados (SILVA; ARAUJO, 2020).

Desta forma, métodos inovadores envolvem pesquisas medicamentosas, elaborando manuais de formulários sobre o uso racional de medicamento no momento de pandemia ajudando médicos a conhecer e prescrever os fármacos para o tratamento do COVID-19, envolvendo uso e dosagem, reações adversas, solventes, precauções e ajuste para casos especiais, como crianças, mulheres grávidas, pacientes em diálise, idosos, diabéticos, hipertensos entre outras comorbidade, mantendo atualizada a equipe médica sobre as pesquisas e informações do novo coronavírus (LI et al, 2020). Diante disso, Li et al (2020) fármacos se encontram em fase de investigação quando se trata de prevenção e tratamento para SAR-Cov-2, discutidos na comissão nacional de saúde da China (CNHC).

Devido à falta de fármacos que atuem como profilático, ou que auxiliem de maneira direta ao tratamento da COVID-19, tem-se observado uma intensificação comportamental da população em se automedicar, acreditando que assim estarão mais seguras (OMS, 2020). A grande procura e uso de suplementos alimentares, como vitaminas e minerais, para fortalecer a imunidade e prevenir a infecção pelo vírus, assim como, fármacos com propriedade antiparasitária ou antibiótica tem ocorrido consideravelmente durante esta pandemia (Pereira, 2020).

A prática da automedicação é definida por o consumo de medicamentos sem prescrição ou supervisão médica, ato de utilização de drogas para fins terapêuticos em busca de alívio, prevenção e recuperação sem o profissional da saúde. O Brasil é um dos países com maior taxa de consumidores mundiais de medicamentos, aumentando conseqüentemente o índice do uso irracional (QUISPE - CANARI et al., 2020).

De acordo WEGBOM et al (2021), a automedicação está relacionada a múltiplos fatores, sendo a principal o acesso ao serviço de saúde, custo e escassez de benéficos, sendo comum a população procurar orientações de familiares, balconistas de farmácia, amigos e outros indivíduos para decisão do fármaco a ser utilizado. A automedicação tem sido de grande preocupação aos serviços de saúde, pois, o acesso a assistência médica juntamente com medicamentos, não implica em melhores condições de saúde ou até mesmo, qualidade de vida, pois as falhas na dispensação, o uso de medicamentos por conta própria pode levar a tratamentos que são ineficazes e nada seguros (Oliveira, et al., 2020).

A uma prevalência de 16,1% no Brasil de hábitos de consumir medicamentos, com o início da doença coronavírus em 2019 (COVID-19) essa prevalência elevou para 20,2%, direcionando diversos desafios para o sistema de saúde em

inúmeros países do mundo, pelo alto potencial de transmissão ocasionando grave infecção respiratória. E o avanço de informações nas redes sociais e de televisão trouxeram a insegurança e medo do novo vírus pelo os números de óbitos tão rapidamente, envolvendo jovens, adultos e idosos (PITA et al., 2021).

Segundo Souza et al. (2021), 157 (30,1%) dos participantes quando indagados sobre a realização de automedicação no intuito de prevenir ou tratar a infecção pelo SARS- CoV-2, relataram ter se automedicado. O uso indevido de medicação, sem a prescrição de profissionais habilitados, pode causar agravamento de doenças, intoxicação, surgimento de reações adversas e resistência a medicamentos, desestabilizando o pleno funcionamento do organismo. A utilização de medicamentos sem prescrição médica pode causar danos ao paciente e aumentar o risco de resistência antimicrobiana, exemplo ao antibiótico azitromicina. A baixa prevalência do uso de Azitromicina apresentadas no estudo de Sadio et al. (2021)

Diante a procura dos fármacos, foi identificado o aumento de vendas no comércio durante a pandemia. Podendo afirmar por meio de pesquisa que 79% da população relatam fazer o uso de medicamentos sem prescrição médica e com alarme da disseminação do vírus admitem que fizeram o uso do “tratamento precoce” mesmo sem comprovação científica (MELO et al., 2021).

Segundo Oliveira et al (2021), é notório o equívoco da sociedade de utilizar medicamentos sem haver o respaldo científico, para caracterizar sua efetividade e segurança medicamentosa. Caracterizando um problema de automedicação com graves riscos à saúde humana, podendo apresentar reações adversas, efeitos colaterais e maléficos à saúde pelo abuso de utilização de medicamentos por conta própria.

Atualmente, não existem agentes terapêuticos contra o vírus, e, as pesquisas em desenvolvimento sugerem uma considerável lista de medicamentos com efeitos farmacológicos apropriados e eficácia terapêutica na cura de pacientes com a COVID-

19 (Souza, et al., 2021). Essa automedicação é composta por consumo de medicamentos em todo o mundo, considerado uma preocupação de saúde pública. Em principal às elevadas prevalências e risco com altas dosagens ao se tratar de uso indevido de medicamentos (ELAYEH; AKOUR; HADDADDIN et al; 2021).

Dessa forma, o maior meio de precaução do novo vírus é o isolamento social que automaticamente acarretou complicações mentais, avanço de distúrbios de ansiedade e depressão tanto em pessoas sem alterações como as existentes, acarretando sintomas de estresse e ansiedade recorrentes (SOUZA et al; 2021).

A automedicação é mais comum em países onde os sistemas de saúde tendem a ser menos eficazes devido ao longo tempo de espera em estabelecimentos de saúde, à dificuldade em obter consultas médicas, ao estoque insuficiente de medicamentos essenciais, à falta de atenção e à quantidade insuficiente de leitos/espço disponíveis nas unidades de saúde (Parulekar, et al., 2016).

Segundo Onchonga et al. (2019) a prevalência global de automedicação

aumentou de (36,2%) antes da pandemia para (60,4%) durante a pandemia. Diante disso, foi reconhecimento pela OMS que o ato da automedicação na pandemia é todo uso de qualquer medicamento que auxilia no tratamento de sinais ou até mesmo em doenças conhecidas sem nenhuma orientação, prescrição médica ou dos profissionais na área da saúde assim trazendo sérias consequências até mesmo no tratamento do COVID- 19 (MALIK et al; 2020).

## **CONCLUSÃO**

Diante do exposto, o presente estudo conclui que, o consumo demasiado de fármacos de forma errada pela população, aumentou consideravelmente, com a pandemia do COVID-19 indivíduos passaram a praticar o autocuidado no mundo em busca de solucionar sinais e sintomas a partir de divulgações e falsas informações vindas de familiares, balconistas e as mídias sociais sem nenhum respaldo científico com relação ao efeito preventivo para o SARS-Cov-2. Vale ressaltar que esse aumento se deu por conta dos supostos tratamentos para a Covid-19. Esse consumo inadequado de fármacos na pandemia ocasionou o uso abusivo de medicamento, reações adversas até óbitos pelo uso inadequado. Logo, profissionais de saúde no combate a automedicação delinearam estratégias desde formulários terapêuticos até campanhas em mídias sociais com o objetivo de diminuir os efeitos colaterais e reações adversas causadas pelos medicamentos.

Sendo assim, estudos futuros sobre esse tema deverão levar em consideração os mais diversos problemas que a automedicação pode trazer, bem como os riscos da ingestão indiscriminada de antibióticos e das possíveis interações medicamentosas que podem vir a ocorrer, é importante salientar o cuidado com o processo de medicação e a filtragem de informações divulgadas pela mídia frente aos cuidados que devem ser realizados diante o SARS-CoV-2. Finalizando, nesta pesquisa constata-se a importância do profissional farmacêutico responsável pelo medicamento na área da saúde, este que obteve um papel fundamental em atualizações de medicamentos eficientes para os melhores tratamentos, buscando promoção, proteção e recuperação dos pacientes infectados pelo coronavírus como também assegurar a disseminação do vírus através da prática do cuidado farmacêutico em prol do uso racional de medicamento.

## **REFERÊNCIAS**

CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA. Médico versus internet: os perigos do hábito de diagnóstico na pandemia, 2020. Disponível em: <https://portalhospitaisbrasil.com.br/medico-versus-internet-os-perigos-do-habito-de-autodiagnostico-na-pandemia/#:~:text=%E2%80%9CO%20autodiagn%C3%B3stico%20pode%20levar%20algo,mais%20arriscadas%20e%20at%C3%A9%20perigosas>. Acessado em 22 de abril de 2022.

DA ROCHA PITTA, Marina Galdino et al. Análise do perfil de automedicação em tempos de COVID-19 no Brasil. *Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento*, v. 10, n. 11, pág. e28101119296-e28101119296, 2021.

DA SILVA, Lucélia Maria Carneiro; ARAÚJO, Jeorgio Leão. Atuação do Farmacêutico clínico e comunitário frente a pandemia da COVID-19. *Research, Society and Development*, v. 9, n. 7, p. e684974856-e684974856, 2020.

ELAYEH E, Akour A, Haddadin RN. Prevalence and predictors of self-medication drugs to prevent or treat COVID-19: Experience from a Middle Eastern country. *Int J Clin Pract*. 2021 Sep 13:e14860. doi: 10.1111/ijcp.14860. Epub ahead of print. PMID: 34516713.

FARO, A. COVID-19 e saúde mental: a emergência do cuidado. *Estudos de Psicologia*. v.37, 2020.

FREITAS, A.R.R.; NAPIMOGA, M.; DONALISIO, M.R. Análise da gravidade da pandemia de COVID-19. *Epidemiologia e serviços de saúde*. v.29, 2020.

LEI, X. et al. Self-medication practice and associated factors among residents in Wuhan, China. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, v. 15, n. 1, p. 68, 2020.

LI H, Zheng S, Liu F, Liu W, Zhao R. Fighting against COVID-19: Innovative strategies for clinical pharmacists. *Res Social Adm Pharm*. 2021 Jan;17(1):1813-1818. doi: 10.1016/j.sapharm.2020.04.003. Epub 2020 Apr 6. PMID: 32278766; PMCID: PMC7194937.

LIMA, S.O. et al. Impactos no comportamento e na saúde mental de grupos vulneráveis em época de enfrentamento da infecção COVID-19: revisão narrativa. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*. n.46, 2020.

MALIK, M., Tahir, MJ, Jabbar, R. et al. Automedicação durante a pandemia de Covid- 19: desafios e oportunidades. *Drugs Ther Perspect* 36, 565–567 (2020). <https://doi.org/10.1007/s40267-020-00785-z>

MELO, José Romério Rabelo et al. Automedicação e uso indiscriminado de medicamentos durante a pandemia da COVID-19. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 37, p. e00053221, 2021.

OLIVEIRA, S. B.; BARROSO, S.C.; BICALHO, M.A. et al. Perfil de medicamentos utilizados por automedicação por idosos atendidos no centro de referência. *Einstein Journal*. v.16 n.4, 2018.

Oliveira, J. V. L. et al. Os riscos da automedicação no tratamento do covid-19: uma revisão de literatura. Centro Universitário Católica de Quixadá. 2021. Disponível em: [file:///C:/Users/PC/Downloads/13762-Article-179177-1-10-20210327%20\(4\).pdf](file:///C:/Users/PC/Downloads/13762-Article-179177-1-10-20210327%20(4).pdf)  
Acessado em 24 de abril de 2022

ONCHONGA, D. et. Al. (2019). Assessing the prevalence of self-medication among healthcare workers before and during Sars-CoV-2 (COVID-19) pandemic in Kenya. *Studi Pharm J*. 2020 Oct;28(10):1149-1154. Doi:10.1016/j.jsps.2020.08.003

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). Painel doença coronavírus da OMS. Disponível em: < <https://covid19.who.int/>>. Acessado em 20 de março de 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. The role of the pharmacist in self-care and self-medication. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/65860>. Acesso em 15 de abril de 2022.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE (OPAS-BRASIL). Folha informativa – COVID-19, 2020. PEREIRA, M.S. Pandemia: os riscos da automedicação e os cuidados com a saúde, 2020. Disponível em: <<https://www.unisc.br/pt/noticias/pandemia-os-riscos-daautomedicacao-e-os-cuidados-com-a-saude>>. Acesso em 24 de abril de 2021.

Parulekar M, Mekoth N, C.M. Ramesh, Parulekar A. (2016). Automedicação em países em desenvolvimento uma revisão sistemática J. Pharm. Technol. Res. Manage. 4 (2), 10.15415/jptrm.2016.42007.

Pereira, M. S. (2020). Pandemia: os riscos da automedicação e os cuidados com a saúde. <https://www.unisc.br/pt/noticias/pandemia-os-riscos-daautomedicacao-e-os-cuidados-com-a-saude>.

PORTAL BRASILEIRO DE DADOS ABERTOS. Venda de Medicamentos Industrializados Sujeitos à Escrituração no SNGPC. Disponível em: Acesso em 28 de outubro de 2021.

PRUDHVI, V. et al. A Prospective Randomised Study on Prevalence and Awareness of Self Medication of Analgesics among Tertiary Care Hospital. World Journal of Current Medical and Pharmaceutical Research, p. 63-66, 2020.

Quispe-Cañari JF, Fidel-Rosales E, Manrique D, Mascaró-Zan J, Huamán-Castillón KM, Chamorro-Espinoza SE, Garayar-Peceros H, Ponce-López VL, Sifuentes- Rosales J, Alvarez-Risco A, Yáñez JA, Mejia CR. Self-medication practices during the COVID-19 pandemic among the adult population in Peru: A cross-sectional survey. Saudi Pharm J. 2021 Jan;29(1):1-11. doi: 10.1016/j.jsps.2020.12.001. Epub 2020 Dec 15. PMID: 33519270; PMCID: PMC7832015.

RIBEIRO, E.G. Saúde Mental na Perspectiva do Enfrentamento à COVID-19: Manejo das Consequências Relacionadas ao Isolamento Social. Rev. Enfermagem e Saúde Coletiva. v.5 n.1, 2020.

ROGOZEA, L. et al. Self-Medicating for Pain: A Public Health Perspective. American Journal of Therapeutics, v. 27, n. 4, 2020.

ROLIM, J.A.; OLIVEIRA, A.R. Manejo da ansiedade no enfrentamento da Covid-19. Rev. Enfermagem e saúde coletiva. v.4 n.2, 2020.

SADIO, A.J.; FIFONSI, A.; KONU, R.Y. Assesment of self-medication practices in the context of the Covid-19 outbreak in Togo. BMC Public Health. 2021.

SHARMA, K. et al. Covid-19 on social media: Analyzing misinformation in twitter conversations. ArXiv preprint arXiv:2003.12309, v. 3, n. 2, 2020.

SCARAMUZZO, M. Venda de remédios do Kit Covid movimentou 500 milhões em 2020. Valor Econômico, 2021.

SILVA, E.; GONZALEZ, L.F.C. Automedicação e efeitos psicológicos em idosos durante o isolamento social, 2021.

Souza, M. N.C. et. al. (2021). Ocorrência de Automedicação na população brasileira como estratégia preventiva para SARS-CoV-2. Disponível em: <file:///C:/Users/PC/Downloads/11933-Article-158716-1-10-20210124.pdf>. Acessado em 24 abril 2022.

WEGBOM AI, Edet CK, Raimi O, Fagbamigbe AF, Kiri VA. Self-Medication Practices and Associated Factors in the Prevention and/or Treatment of COVID-19 Virus: A PopulationBased Survey in Nigeria. *Front Public Health*. 2021 Jun 4; 9:606801. doi: 10.3389/fpubh.2021.606801. PMID: 34150693; PMCID: PMC8213209.